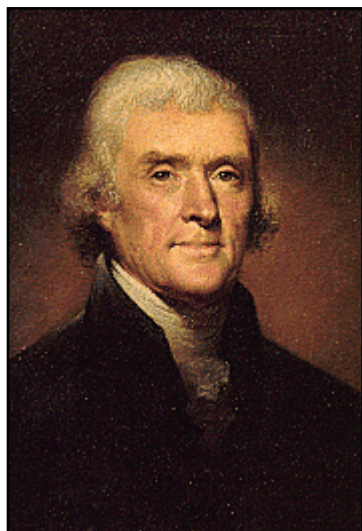


## A HERANÇA DE THOMAS JEFFERSON

*Ele era um gênio de muitas facetas – homem de ciência, arquiteto, inventor, fazendeiro, estadista e polígrafo. Nenhum outro americano da sua época disse tantas coisas de interesse atual como ele*

Bruce Bliven



Num banquete oferecido a expoentes das artes e das ciências, disse o Presidente Kennedy: “Acho que esta é a mais extraordinária coleção de talentos e de conhecimentos humanos já reunida na Casa Branca – com exceção, talvez, de quando Thomas Jefferson jantava aqui sozinho.”

Jefferson provavelmente possuía uma soma de conhecimentos maior do que a de qualquer outra pessoa da sua época. Como Leonardo da Vinci, foi surpreendente pela amplitude e variedade dos seus interesses. Quando tinha pouco mais de trinta anos de idade, um contemporâneo escreveu que ele podia “prever um eclipse, medir terras, projetar edifícios, amansar cavalos, tocar violino e dançar o minueto”.

Da sua prodigiosa energia surgiram invenções, livros, novas idéias e novos pontos de partida em cada campo da atividade humana. Entendia de Agricultura, Arqueologia, Arquitetura e Medicina. Adotou a rotação de cultura, preocupou-se com a conservação do solo e usou o método de aragem da terra em “curvas de nível” um século antes de tais práticas agrícolas se tornarem comuns. E inventou um arado superior a qualquer outro em existência na época. Exerceu grande influência no campo da arquitetura em toda a América, especialmente quando abandonou a coluna coríntia em favor da jônica, por ser esta de mais fácil construção. Muitos dos seus inventos ainda são lembrados – a máquina para copiar documentos, uma secretária rotativa e um barômetro que podia funcionar tanto fora como dentro de casa.

Em 1796 Jefferson chegou a presidente da Sociedade Filosófica Americana, à qual se deve a criação de uma filosofia nacional que punha ênfase na liberdade e no progresso. Entre seus ilustres colegas, encontram-se autoridades como David Tittenhouse – que construiu o primeiro planetário do mundo – Thomas Paine, autor de *Common Sense*, o Dr. Benjamin Rush, precursor da psiquiatria, e Joseph Priestley, descobridor do oxigênio. Todos eles consideravam Jefferson um mestre devido à variedade de seus conhecimentos.

Esse homem, cujo pensamento e obra haveriam de modelar tão profundamente o caráter nacional norte-americano, nasceu em 1743. Era filho de um homem próspero, agrimensor, coronel da milícia e autodidata. Sua mãe provinha de uma velha família da Virgínia – os Randolph. A morte do pai deixou Jefferson aos 14 anos com responsabilidades que naqueles tempos só o varão mais velho podia assumir. Diplomou-se pelo William and Mary College, de Williamsburg, na Virgínia, e exerceu a advocacia por alguns anos.

Sua esposa, a quem era profundamente devotado, morreu depois de dez anos de casamento. Nos eu imenso pesar, Jefferson trancou-se em sua sala de trabalho durante três semanas, caminhando dia e noite, de um lado para o outro. Depois se dedicou à vida pública com tal ardor, que isso ajudou a cicatrizar a ferida. Foi Governador da Virgínia, Embaixador na França, Ministro de Estado, Vice-Presidente e por fim Presidente da República.

Jefferson tinha mais a aparência de um filósofo do que a de um Presidente e possuía o amor filósofo pela simplicidade. No dia da sua posse ele chegou sozinho a cavalo, amarrou o animal numa cerca e foi a pé prestar juramento. Detestava o tratamento de “Excelência” e insistia para que fosse chamado de “Sr. Jefferson”. Certa ocasião, recebeu em chinelos um embaixador que se apresentara vestido com toda a pompa.

Era de elevada estatura (1,88m), magro, mas forte, corado, de feições angulosas, cabelo castanho-claro e tão desleixado nos modos que os contemporâneos o estavam sempre criticando. “Suas roupas parecem pequenas demais para ele”, escreveu um crítico. “Senta-se com abandono,, apoiando-se sobre um lado. Seu jeito todo é desmazelado. Seus discursos não têm retórica nem plano. No entanto, distribui informações onde quer que vá.”

Esse filósofo desleixado era na verdade muito disciplinado. Levanta-se com a aurora, escrevia e lia até o momento do café, após o que se entregava à leitura por mais uma hora. Após um dia de trabalho, deixava-se ficar até meia-noite lendo latim, grego, francês, italiano, espanhol e anglo-saxão. De todas essas leituras tomava notas meticulosas.

Suas realizações, como Presidente foram prodigiosas, colocando-o no mesmo nível de Washington e Lincoln. Enviou a expedição Lewis e Clark ao Pacífico a fim de abrir as riquezas do continente. Com a compra da Luisiana ele duplicou a área geográfica dos Estados Unidos. Sua administração foi tão econômica que o balanço do Tesouro apresentou um grande superávit e, em conseqüência, foram abolidos todos os impostos internos. Em seu segundo discurso de posse ele pode perguntar em tom de desafio: “Qual o fazendeiro, o mecânico, o trabalhador que hoje é visitado por um coletor de impostos?” Ajudou ele ainda – primeiro na Virgínia, depois no país inteiro – a acabar com os impostos em favor da Igreja, tornando possível assim a verdadeira liberdade de religião.

Das inúmeras aptidões de Jefferson, uma é fundamental – a linha unificadora de toda a sua carreira. Ele foi acima de tudo um bom e incansável escritor. Suas obras completas – que estão sendo publicadas agora pela primeira vez – ocuparão mais de 50 volumes. Ele escreveu pelo menos 50.000 cartas!

Seus colegas logo descobriram que ele podia redigir um documento melhor do que qualquer outra pessoa; e, quando chegou o momento de ser redigida a Declaração de Independência em Filadélfia, em 1776, era natural que lhe coubesse a tarefa. Milhões de pessoas se entusiasmaram com suas palavras: “Temos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais...”

Nesse mesmo ano ele foi chamado novamente à Virgínia. Seu Estado natal estava elaborando uma Constituição, e a ele foi dada a responsabilidade de redigir o projeto. Estava na França quando foi redigida a carta Magna dos Estados Unidos, mas foi ele quem posteriormente insistiu em que fosse redigida a emenda dos Direitos Civis, garantindo a liberdade de culto, de palavra e de imprensa, julgamento por júri e outras salvaguardas da democracia.

Ele não só escreveu livros, mas também os reverenciou e usou. Quando os ingleses queimaram o Capitólio e a recém-formada Biblioteca do Congresso de Washington, em 1814, Jefferson ofereceu

sua própria e magnífica biblioteca ao Congresso – aceitando a avaliação feita por uma comissão dos representantes do povo – para substituir os livros perdidos. Recordando esse fato, disse o historiador Arthur E. Bester: “A Biblioteca do Congresso é o monumento vivo dessa transação, e também do princípio jeffersoniano de erigir a democracia sobre um vigoroso e iluminado esforço intelectual.” Depois que se desfez assim dos seus livros, começou a reunir outra biblioteca, que já contava mil volumes quando morreu, onze anos mais tarde.

Durante anos Jefferson conservou um livro de apontamentos literários no qual copiava citações, excertos e sumários. Foi pelo incessante ato físico de escrever que ele deu forma a seus próprios pensamentos e corpo às suas idéias – e que, por sua vez, entrou em seu fluxo infundável de trabalho.

Jefferson deixou aos seus compatriotas uma herança rica em idéias e exemplos – entre eles o hábito de por pensamentos no papel, a fim de se tornarem mais precisos e capazes de gerar uma ação. Fundou bibliotecas e universidades, pois achava que só um povo educado pode manter-se livre. A mesma doutrina se aplicava ao indivíduo: só uma pessoa informada, achava ele, pode influenciar os acontecimentos e, em consequência, manter-se independente das pressões ambientes. Esta é a verdadeira dignidade do homem.

**Ver com os próprios olhos.** Jefferson achava que o homem livre obtém conhecimento de muitas fontes além dos livros – e que a melhor de todas é a investigação pessoal. Quando jovem foi ele indicado para uma comissão destinada a descobrir se o braço sul do Rio James era navegável por grandes barcos. Enquanto seus companheiros de comissão estudavam documentos em um gabinete, Jefferson se meteu numa canoa e foi fazer observações *in loco*.

Numa hora em que, cada vez mais, nos apoiamos em especialistas, vale a pena lembrar a confiança de Jefferson na pesquisa pessoal. Especialistas são necessários para obter fatos, mas é fundamental para a democracia que o povo seja capaz de tomar decisões, uma vez levantados os dados de um problema. Para exercer essa capacidade é dever de cada homem manter-se informado, evitando confiar cegamente em tudo. Veja por si mesmo!

**Pode-se aprender com os outros.** Num tempo em que a maioria dos aristocratas não se dignava falar com pessoas de origem humilde, a não ser para dar ordens, Jefferson desviava-se de seu caminho para conversar com jardineiros, criados, garçons. Por as pessoas à vontade, para que elas possam falar francamente, era uma das suas artes. Uma vez disse ele a Lafayette: “Você deve procurar as pessoas no seu próprio meio, como eu o tenho feito, olhar dentro das suas panelas, comer do seu pão.” Se o marquês fizesse isso – lembrou-lhe Jefferson – poderia descobrir as queixas do povo e compreender a revolução que fermentava na França.

Em todos os cantos há gente que sabe alguma coisa interessante e útil. O hábito de Jefferson, de procurar aprender de todo mundo, vale a pena ser cultivado.

**Julgue por si mesmo.** Jefferson repelia a idéia de aceitar as opiniões de outras pessoas sem discutilas. Escreveu a seu sobrinho Peter Carr: “Não aceite ou rejeite uma idéia só porque uma outra pessoa aceitou-a ou rejeitou-a. sua própria razão é o único oráculo que o Céu lhe deu.”

A manifestação de Jefferson contra a censura tem sido sempre um guia seguro. “Só o erro necessita de apoio dos governos. A verdade se mantém por si mesma.” Achava ele que se pode confiar completamente no povo, sem nenhum perigo, “dizendo-lhe tudo, verdadeiro e falso, a fim de que possa formar um juízo correto. Se me fosse dado decidir entre termos um governo sem jornais e jornais sem governo, eu não hesitaria um momento: preferiria a última alternativa”.

**Agir com convicção.** Numa nação livre, sempre haverá choques de idéias – e isto é um a fonte de força. É o conflito, e não o conformismo, que mantém viva a liberdade. Apesar de ter sido por muitos anos objeto de ataques, Jefferson jamais respondeu aos seus acusadores. Essa filosofia de vida ele a resumiu em cartas ao seu amigo o General George Rogers Clark, que também foi muito atacado. “Se você queria escapar dos ataques, devia ter-se limitado ao âmbito sonolento do simples dever. Cada caso tem dois lados. Se você se coloca num desses lados com decisão e age em correspondência, os que se colocaram do outro lado naturalmente reagirão hostilmente na proporção do efeito causado.

**Fé no futuro e na juventude.** Jefferson achava que o presente jamais deveria ser prejudicado por costumes já gastos. Dizia ele: “Nenhuma sociedade pode fazer uma Constituição perpétua, nem mesmo uma lei eterna. O mundo pertence às gerações vivas.”

Ele não temia novas idéias nem receava o futuro. E observava: “Quanto sofrimento nos têm custado os males que nunca se verificaram! Meu temperamento é sanguíneo. Dirijo o meu barco com esperança na proa, deixando o medo na popa.”

Jefferson morreu a 4 de julho de 1826, no quinquagésimo aniversário da Independência Americana. Escreveu o próprio epitáfio: “Aqui jaz Thomas Jefferson, autor da Declaração de Independência dos Estados Unidos, do Estatuto da Virgínia para a Liberdade de Religião e fundador da Universidade da Virgínia.”

O epitáfio deixou de mencionar que também foi Governador da Virgínia, Embaixador na França, Secretário de estado e Presidente. Por quê? Explicou ele à filha: “O que não está na minha inscrição são coisas que o povo fez por mim. O que está nela são coisas que fiz para o povo.”

Seleções do Reader's Digest – Abril de 1964